

Fraudes e mau uso assolam o sistema de saúde

ARTIGO

Marcos Novais

Superintendente executivo da Associação Brasileira de Planos de Saúde (Abramge)

A judicialização crescente tem trazido enormes desafios para o sistema de saúde do Brasil. Os custos judiciais pagos pelas operadoras ultrapassaram, nos últimos dez anos, a marca de R\$ 24 bilhões. Segundo estimativa da Abramge, pela primeira vez, em 2023 os planos de saúde superaram a marca de R\$ 5 bilhões em despesas judiciais.

Em um mercado de grandes cifras criam-se condições per-

feitas para ganhos ilícitos rápidos. Já vimos acontecer antes. Refiro-me às fraudes de reembolso, muitas vezes praticadas por clínicas e laboratórios de fachada ou desconhecidos.

Observamos atentos a utilização das redes sociais, palco das influências mais diversas, estimulando a judicialização indevida da saúde, onde profissionais do direito e da saúde divulgam “facilidades para se obter a realização de cirurgias plásticas pelos planos de saúde”. Uma prática perniciososa.

Tais profissionais prometem a liberação de cirurgias, como as bariátricas com fins estéticos e outros procedimentos antes mesmo do período de carência. Atraem milhares de seguidores e causam enorme prejuízo à saúde física,

mental e emocional dos consumidores que, em muitos casos, se entregam a procedimentos desnecessários e/ou contraindicados.

Em um mercado de grandes cifras criam-se condições perfeitas para ganhos ilícitos rápidos

A judicialização indevida é um fenômeno que sobrecarrega ainda mais o Judiciário, contribuindo para criar morosidade no sistema. Segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), nos últimos três anos foi quase 1,5 milhão de novos processos judiciais em saúde, dos quais 531 mil tinham como alvo a saúde suplementar e 937 mil o SUS. São cerca de 2 mil processos por dia.

A justiça e a saúde são direitos inquestionáveis, mas é urgente aperfeiçoar o combate a ações indevidas e oportunistas, infrações que afetam a qualidade de vida de toda a população. E isso se faz coletivamente, não apenas com a união das operadoras de planos de saúde, mas com a força do Judiciário e a conscientização de toda

a sociedade.

As decisões judiciais da saúde, devido à sofisticação e complexidade, precisam de respaldo técnico de profissionais da saúde isentos para uma boa e justa indicação. Estudo da FGV identificou uma baixíssima utilização dos mecanismos existentes para perícia médica no auxílio à decisão judicial.

Fraudes, desvios e desperdícios são um problema mundial. Nos Estados Unidos, por exemplo, a National Health Care Anti-Fraud Association (NHCAA), organização ligada ao FBI, foi criada exclusivamente para combater fraude na saúde americana.

A união de todos nessa missão é essencial para a continuidade do sistema de saúde no Brasil. ●

Emprego Números positivos

Desemprego em 7,9% é o menor para março em dez anos, indica IBGE

Coordenadora do IBGE atribui aumento do número de trabalhadores sem ocupação em março a fatores sazonais

GABRIEL VASCONCELOS
RIO
AMANDA PUPO
BRÁSILIA

A taxa de desemprego no Brasil chegou a 7,9% no trimestre encerrado em março, no terceiro trimestre seguido de aumento da desocupação, de acordo com os dados da Pnad Contínua, do IBGE. Mas o resultado, além de ter ficado abaixo do previsto pelo mercado (de 8,1%, de acordo com pesquisa feita pelo Projeções Broadcast), representou também o menor patamar para o período de janeiro a março desde 2014.

Segundo a coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, Adriana Beringuy, o aumento do número de desempregados no período – a chamada população desocupada somou 8,6 milhões, um crescimento de 6,7% (mais 542 mil pessoas) na comparação com o trimestre móvel de outubro a dezembro – pode ser considerado um movimento sazonal, ligado à dispensa de trabalhadores temporários tanto no serviço público

quanto no privado.

Adriana reforçou que esse movimento acontece em todo primeiro trimestre, e que os dados apurados até agora pelo IBGE ainda não indicam mudança negativa na trajetória do mercado de trabalho no ano. O cenário é corroborado por analistas de mercado.

“Parte importante dessa perda de ocupação veio da administração pública, principalmente de (setores como) Saúde e Educação”

Adriana Beringuy
Coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE

“Parte importante dessa perda de ocupação veio da administração pública, principalmente de (setores como) Saúde e Educação, especificamente no ensino fundamental, onde há contratos temporários, de trabalhadores do setor público sem carteira. Na virada do ano, eles são dispensados e, à medida que se retorna ao ano letivo, há tendência de recontratação desse contingente”, disse.

Ainda de acordo com o IBGE, o número de empregados com carteira de trabalho no setor privado (excluindo trabalhadores domésticos) chegou

a 37,984 milhões – “mantendo-se estável no trimestre e crescendo 3,5% (mais 1,3 milhão) no ano”. Já o número de empregados sem carteira no setor privado (13,4 milhões) ficou estável, com uma alta de 4,5% (mais 581 mil pessoas) no ano.

Em relação à renda, o rendimento real habitual de todos os trabalhos (R\$ 3,123) cresceu 1,5% no trimestre; no acumulado do ano, o avanço foi de 4%. Já a massa de rendimento real habitual (R\$ 308,3 bilhões) atingiu novo recorde da série histórica da Pnad Contínua, iniciada em 2012, “mas não teve variação estatisticamente significativa na comparação trimestral, subindo 6,6% (mais R\$ 19,2 bilhões) na comparação anual”.

SETORES. Já pelos dados do Caged divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho, a abertura de empregos com carteira assinada em março voltou a ser puxada pelo setor de serviços. Foram 148.722 postos formais, seguido pelo comércio, que abriu 37.493 vagas. Já a indústria gerou 35.886 vagas em março, enquanto houve um saldo de 28.666 contratações na construção civil. Por sua vez, na agropecuária houve fechamento de 6.457 vagas no mês. ●

Política monetária Maior nível desde 2001

Nos EUA, mercado descarta corte da taxa de juros no curto prazo

ALINE BRONZATI
CORRESPONDENTE EM NOVA YORK

Reunião dos dirigentes do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) termina hoje com a expectativa de que não haja alteração na taxa de juros da maior economia do mundo. O mercado dá como certo que o índice, de 5,25% a 5,50% ao ano, deve ser mantido – no maior nível desde 2001.

Com isso, as atenções devem se voltar para a entrevista do presidente da autoridade monetária dos EUA, Jerome Powell, que deve ocorrer 30 minutos após a divulgação da decisão da política (marcada para as 15h, pelo horário de Brasília).

Maio era visto como o mês do início dos cortes dos juros nos EUA em meio à euforia dos mercados quanto à tendência de queda da inflação no país. O ânimo do começo do ano, porém, caiu por terra com dados recentes dos preços nos EUA acima do esperado e reforçaram a tese do *higher for longer*, ou seja, juros altos por mais tempo.

“Com três meses de dados ruins da inflação em mãos, Powell deve sinalizar que o Fed precisa esperar e o tempo dependerá dos dados. Pode ser três meses, seis ou muito mais”, diz o economista-chefe do Santander para os EUA, Stephen Stanley, em entrevista ao *Estadão/Broadcast*.

De acordo com Stanley, tanto a postura de Powell quanto

os sinais dados pelas projeções econômicas da última reunião do Fed – realizada em 20 de março –, que manteve a indicação de três cortes de juros neste ano, devem sair de cena. “A mensagem que ouvimos nas últimas reuniões, de que o Fed não está cortando os juros, mas pode fazê-lo provavelmente em breve, deve sumir de vez.”

Dados piores da inflação americana em janeiro e fevereiro já haviam feito dirigentes do Fed endurecerem o tom em suas últimas falas antes de entrarem em período de silêncio por conta da reunião desta semana. O índice de preços de

Mudança
O Bank of America transferiu sua expectativa de primeiro corte de junho para dezembro

gastos com consumo (PCE, na sigla em inglês) aumentou 2,7% no acumulado em 12 meses até março, acima dos 2,5% registrados em fevereiro.

O Bank of America transferiu a sua expectativa de um primeiro corte de junho para dezembro. Já o Santander vê o Fed cortando os juros só em novembro e, na pior das hipóteses, somente em 2025, como alguns dirigentes do Fed têm mencionado. O Citi, por sua vez, migrou sua projeção de primeiro corte de junho para julho. ●